



E agora, Ana Luiza? ▶ Se Jorge Furtado é citado como um cineasta que postergou por anos a realização do primeiro longa, o que dizer de sua sócia **Ana Luiza Azevedo**? Entre o primeiro curta e o lançamento de *Antes que o mundo acabe* em 2009 transcorreu-se um quarto de século, ocupado com a direção de vários outros curtas e o trabalho como assistente de direção, roteirista e produtora de longas e séries para TV.

Por que você demorou para dirigir o primeiro longa?

Sempre me envolvi muito com outros trabalhos da Casa de Cinema, os filmes dirigidos pelo Jorge Furtado e Gerbase, e acabava me dedicando muito pouco a desenvolver o meu próprio projeto. Até que ganhei um prêmio de desenvolvimento de projeto da Ancine e comecei a colocar o meu projeto como prioridade.

Como avalia o seu trabalho em *Antes que o mundo acabe*? No que acertou e o que mudaria? O que aprendeu com o trabalho?

Gosto bastante do resultado do filme. Mas eu não sou a melhor pessoa para avaliá-lo. Prefiro ouvir a avaliação do público e dos críticos, que têm maior distanciamento para analisá-lo. O que eu gostaria de ter feito diferente é o trabalho de distribuição, mas aí eu já aprendi que sempre vamos achar que poderia ter sido diferente.

Sua proposta de trabalho é na linha de filmes com viés regional, como *Antes que o mundo acabe*, ou este foi um caso específico? Até que ponto o fato de você fazer parte da Casa de Cinema influencia na escolha dos argumentos?

Não acho que *Antes que o mundo acabe* tenha viés regional. É uma história que poderia se passar em qualquer parte do Brasil e do mundo. Tem, sim, um sotaque gaúcho, porque foi filmado aqui. E foi filmado aqui porque eu moro aqui. Se fosse filmado no interior de Minas, teria outro sotaque e seria lindo.

Eu sou uma das sócias fundadoras da Casa de Cinema. Os argumentos filmados dependem da vontade de cada diretor e das possibilidades de produção.

Por que optou por fazer *Antes que o mundo acabe*?

Escolhi filmar *Antes que o mundo acabe* quando meus filhos leram o livro e achei que seria uma boa história para ser adaptada. Meus sócios toparam comprar esta bronca comigo. E aí foram-se seis anos de batalha. Normal.

Você tem uma predileção por filmes infanto-juvenis?

Não. Acho fundamental que tenham mais e mais filmes brasileiros para o público infanto-juvenil. E foi delicioso trabalhar, divulgar e discutir o filme com este público. Mas não pretendo me dedicar apenas a este público, não. Minha definição de fazer um ou outro filme depende da história: qual história contar e como contar. Se é uma história que me interessa, que fale sobre algo que eu ache importante e que tenha elementos interessantes para brincar com a narrativa, aí vou pensar em adaptar.

Como avalia a recepção ao seu longa?

Antes que o mundo acabe teve uma ótima recepção de crítica e público. Acho que fomos poucos ousados na distribuição. Teríamos que ter mais investimento e investimentos mais dirigidos para atingir um público maior.

No que está trabalhando atualmente e quais são os seus projetos futuros?

Tenho trabalhado muito em séries para televisão. Em 2008 dirigi *Fantasia de uma dona de casa* para a RBSTV; em 2009 *Decamerão*, junto com Jorge Furtado, para a TV Globo; em 2010/2011 *Mulher de fases* para a HBO; e agora estou trabalhando num projeto de outra série para a TV Globo. As séries de TV têm dado uma grande possibilidade de

Antes que o mundo acabe



exercício e pesquisa de linguagem, além de viabilizar a produtora. Estou trabalhando num projeto de longa, também, mas bastante embrionário. Além destes trabalhos de direção, ainda faço a programação e coordenação no Cine Santander Cultural e me envolvo em todos os projetos da Casa de Cinema.

Como você se define? Diretora de cinema? Diretora de TV? Roteirista? Produtora?

Tudo isto. Não tem como ser diretora no Brasil sem ser um pouco produtora, mesmo que quem pegue no peso da produção sejam as minhas sócias Nora Goulart e Luciana Tomasi. Poder dirigir para cinema e televisão é fundamental para a qualificação e sobrevivência. E acho um privilégio ter trabalho tanto para um veículo como para o outro. Foi-se o tempo em que a televisão e o cinema andavam em caminhos diferentes.

Como foi a sua formação no audiovisual?

Trabalho em audiovisual desde 1982. Tenho formação de artista plástica. Fui trabalhar em televisão e trabalhei num primeiro curta em 1984. Desde então não parei mais de trabalhar para cinema e televisão. Fiz muitos trabalhos como assistente de direção, com os quais aprendi muito, e tive a chance de criar junto com os diretores, especialmente o Jorge Furtado e o Gerbase, que também começaram a trabalhar em cinema na mesma época que eu. Estávamos aprendendo juntos. Fiz também algumas assistências de montagem para o Giba Assis Brasil, com quem aprendi muito sobre narrativa cinematográfica. Acho que, de todos os processos da realização de um filme, a montagem é onde a gente mais aprende, onde nos deparamos com os erros e com as possibilidades de refazer a narrativa ou de como deveríamos ter feito diferente.

Onde pretende chegar? Qual é a sua principal meta profissional?

Continuar trabalhando em tudo isto. Ter mais e mais trabalho. Conseguir promover o trabalho de pessoas mais jovens e talentosas.

Faróis

Os filmes que mais influenciaram a concepção de cinema de Ana Luiza Azevedo

1. Filmes de Alain Resnais, especialmente *Meu tio da América* e *Ano passado em Marienbad*

Pela possibilidade de brincar com a narrativa e o tempo cinematográfico. Resnais é daqueles cineastas que transformam em ouro tudo onde colocam a mão. Em um documentário sobre a Biblioteca Nacional de Paris, faz um filme dramático fantástico.

2. Filmes de Ettore Scola, *Um dia muito especial*, *A família* e *Casanova e a Revolução*

Pela forma e delicadeza como cria seus personagens e conta suas histórias. Nenhum detalhe é desperdiçado.

3. Filmes de Louis Malle, *Ascensor para o cadafalso* e *Atlântic City*. Pelo rigor do roteiro.

4. Filmes de Billy Wilder. Pelos diálogos.

5. Filmes de Mike Leigh

Pela coragem de tocar em assuntos fundamentais e pela coragem de falar daquela forma, sem concessões.

6. Primeiros filmes de Jim Jarmusch, *Estranhos no paraíso* e *Daunbailó*

Pelo frescor e inventividade.

7. Filmes de Eduardo Coutinho

Pela possibilidade de falar do Brasil e dos brasileiros.

8. Filmes de Jorge Furtado

Pela possibilidade de criar e trabalhar coletivamente.

É muito difícil fazer uma lista com limite, por isso vou ficar por aqui, claro que com a sensação de que poderia colocar muitos outros filmes e diretores, e com a sensação de que não poderia ter deixado muitos outros de fora. Mas, enfim, é apenas uma lista.

divulgação



Ascensor para o cadafalso

O ano passado em Marienbad